REFORMA INTELECTUAL E MORAL: O APORTE SORELIANO

Leandro de Oliveira Galastri [*]

INTRODUÇÃO

O objetivo desta comunicação é apresentar uma análise inicial que sugira uma possível construção complementar do conceito de "reforma intelectual e moral" entre Georges Sorel e Antonio Gramsci. Como é sabido, tal conceito, juntamente a outros como "bloco histórico", "cisão de classes" e "mito" fazem parte de complexos compósitos conceituais em ambos os autores. Em Gramsci, tal compósito é apresentado sob a denominação de "hegemonia". Em Sorel, é a própria noção de "mito" que aparece como tal. O texto se pautará por uma ênfase na crítica de Gramsci a Sorel, dado ser o francês uma das principais fontes na elaboração do pensamento gramsciano, em especial dos *Quaderni del carcere.*[1]

SOREL E O SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO

No contexto histórico da virada dos séculos XIX e XX, Sorel é uma das principais influências do sindicalismo–revolucionário, corrente política que defendia a organização dos trabalhadores em estruturas sindicais como típica do proletariado, sendo os partidos frutos de intelectuais que se arrogavam o comando dos trabalhadores. Considerava ainda, tal corrente, que a consciência revolucionária se formaria a partir da luta direta das massas e não da prática parlamentar. Por fim, no que se referia à forma da luta social, a revolução seria realizada por meio da greve geral. A greve geral seria o formato típico da prática revolucionária dos sindicatos. Seria ao mesmo tempo o modo de educar as massas operárias no espírito revolucionário e a derradeira forma da revolução (WALDENBERG, 1982, p.249).

A greve geral é o mais importante tema das *Reflexões sobre a violência*, conhecida obra do autor francês, publicada pela primeira vez no primeiro semestre de1906, na

---

[*] Doutorando em Ciência Política (Unicamp).

[1] Este texto inclui-se no contexto geral das atividades da pesquisa sobre o pensamento gramsciano, em particular os *Quaderni del carcere*, levada a efeito pelo grupo de pesquisa Marxismo e Teoria Política, coordenado pelo Prof. Dr. Alvaro Bianchi. O grupo desenvolve seus trabalhos no âmbito do Centro de Estudos Marxistas (CEMARX), no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Um dos objetivos da pesquisa é a reconstrução das fontes da obra de Antonio Gramsci com vistas a uma reelaboração crítica de seu pensamento.

revista francesa *Le mouvement socialiste* (SOREL, 1992, p.352). Por meio dela Sorel espera que seja construída a "nova moral dos produtores". Seria a escola da nova ética dos criadores da futura sociedade socialista. (WALDENBERG, 1982, p. 251). Em Sorel haveria a idéia de que existe um valor moral a ser resgatado através do mundo do trabalho. Tal restauração moral dever-se-ia realizar por meio do progresso da sociedade em direção a uma forma organizativa mais elevada, em que "o novo protagonista da história, o proletariado, deverá realizar, contra o egoísmo da sociedade burguesa-industrial, a ética do socialismo" (SOREL, 1975, p.17).

Sorel considerava que a revolução ocorreria, antes de tudo, na consciência. Isso explica porque rejeita a cientificidade econômico-material do marxismo. Mostra-se convicto da não-validade das teorias centrais do sistema marxiano: a teoria do valor, da pauperização, da concentração das riquezas e da produção. A teoria de Marx seria, assim, apenas um método de aproximação da realidade (SOREL, 1975, p.19).[2] De fato, Sorel não era adepto do método dialético preconizado por Marx a partir de Hegel. Para ele, "o processo de evolução do mundo humano [...] não era determinado nem por um processo dialético, nem por uma evolução natural e necessária, mas por uma passagem violenta de uma fase histórica a outra" (SOREL, 1975, p. 22).

Segundo De Paola (1986, p. 72) a última etapa do desenvolvimento do marxismo de Sorel (dado que o filósofo francês viria a abandoná-lo) seria sua visão do marxismo como mito. O mito, para Sorel, corresponderia às "convicções de um grupo" e seria diferente da utopia por ser uma produção coletiva e não a teorização de poucos intelectuais. E sua preservação enquanto tal, enquanto simbologia coletiva, estaria garantida apenas pela ação espontânea das massas, devendo essas evitar sua subordinação a qualquer tentativa de direção por uma minoria. "O mito, por conseguinte, é ao mesmo tempo 'sistema de imagens' e massas que 'se apaixonam'" (DE PAOLA, 1986, p. 80).

Para Sorel, a violência ocorrida com o surgimento do cristianismo, da Reforma Protestante e da Revolução Francesa forma momentos históricos equivalentes, porque

[2] Aqui Sorel deixa clara a inspiração em seu amigo Croce, a partir da obra deste filósofo italiano "Materialismo Histórico e Economia Marxista, de 1899: "Se o materialismo histórico deve exprimir algo que seja criticamente aceitável, tal não deve ser [...] nem uma construção *a priori* de filosofia da história, nem um novo método do pensamento histórico, mas, simplesmente, um *cânone* de interpretação histórica" (CROCE, 1948, p. 88). Croce exercia grande influência sobre o pensamento de Sorel. Mantinham uma amizade que fora sempre muito estreita. Os escritos de Croce seriam, para Sorel, uma das principais fontes para a formulação de suas concepções acerca das questões históricas, filosóficas, políticas e literárias de seu tempo (FURIOZZI, 1975, p. 56).

funciona como “mito”, isto é, como conjunto de imagens percebidas instantaneamente, intuições, capazes de evocar com a força do instinto o sentimento de luta (SOREL, 1975, p. 23). Sorel aborda, de uma forma supostamente racional, as condições da ação irracional. Irracional não apenas porque sem um plano concebido de forma metódica e supostamente científica. O autor francês assume a existência de uma instância inconsciente da ação humana que teria força de determinação histórica, e atribui-lhe o papel de potência principal do processo revolucionário. É assim que Sorel se pretende colocar em uma posição oposta ao “cientificismo” de Kautsky, por exemplo. Neste, a razão recomendava aguardar as condições objetivas para o irrompimento da revolução, o que redundava numa tática reformista. Em Sorel, as condições para a revolução não são objetivas, nem pensadas subjetivamente, mas instintivas, a inconsciência coletiva trazida à tona de modo violento pela força do mito, o que seria acarretado, entre outros motivos, por um estímulo de cunho moral-intelectual advindo da constante prática política sindical.

A obra de Sorel surge como uma espécie de reação, como ele mesmo faz questão de explicitar, ao socialismo mecanicista da social-democracia alemã, que tinha em Kautsky seu mais eminente representante. Contrapondo-se à suposição de que a história possuía um movimento quase automático em direção ao socialismo, e que a este se chegaria sem grandes sobressaltos, Sorel põe em primeiro plano a ação espontânea do proletariado, sem a qual a mudança revolucionária não seria conquistada.

O mito, embora considerado por Sorel apenas enquanto tal, adquiria concretude cotidiana por motivar a ação revolucionária do presente na forma da greve geral. Sorel não se preocupa com o modo pelo qual a greve geral poderia ser levada a cabo. O que importa é que ela seja uma esperança permanente no imaginário da classe trabalhadora, gerando atitudes concretas por parte do proletariado combativo. Essa é a idéia do mito (a greve geral) gerando a ação revolucionária. Seria uma elaboração imagética de forças latentes, inconscientes, presentes na insatisfação geral do proletariado e canalizadas pela violência da ação revolucionária. A importância do inconsciente nas relações sociais de força, em vias de ser reconhecida à época pelo próprio Freud (embora este não abordasse tais relações de um ponto de vista de classes), seria posteriormente assumida por pensadores como Reich e os representantes da Escola de Frankfurt. Vejamos a definição de mito segundo o próprio Sorel:

> "[...] Os homens que participam dos grandes movimentos sociais representam sua ação imediata sob a forma de imagens de batalhas que asseguram o triunfo de sua causa. Propus chamar de *mitos* essas construções [...]: a greve geral dos sindicalistas e a revolução catastrófica de Marx são mitos. [...] É preciso tomá-los em bloco como forças históricas e, sobretudo, não comparar os fatos consumados com as representações aceitas antes da ação" (SOREL, 1992, p. 41).

E ainda:

> "Pode-se falar indefinidamente de revoltas sem provocar jamais um movimento revolucionário, enquanto não houver mitos aceitos pelas massas. [...] (Os mitos) não são descrições de coisas, mas expressões de vontades. [...] Um mito não poderia ser refutado, pois no fundo é idêntico às convicções de um grupo, é a expressão dessas convicções em linguagem de movimento, sendo portanto indecomponível em partes que possam ser aplicadas num plano de descrições históricas" (SOREL, 1992, p. 49-50).

Sorel toma o mito como uma crença religiosa na revolução, mas uma crença que impele à ação e não à contemplação de um suposto devir inexorável. O autor acredita na capacidade do sindicalismo revolucionário em desenvolver uma nova cultura no seio do proletariado, fruto da aprendizagem advinda das lutas contra o Estado e os patrões. De acordo com Sorel, a nova moral dos produtores não seria fundada numa educação estética transmitida pela burguesia, "mas nos sentimentos que desenvolvem as lutas travadas pelos trabalhadores contra seus patrões" (SOREL, 1992, p. 55).

Comecemos já a traçar aqui um breve paralelo entre tal idéia de Sorel e o conceito gramsciano de reforma intelectual e moral.[3] Para Gramsci, é necessária a construção de novos valores e de uma nova visão de mundo que encarne os interesses autênticos do proletariado, em oposição à hegemonia burguesa. A construção de tais novos valores se daria no seio de organizações próprias do proletariado, sendo o partido a principal delas. Tais organizações seriam um dos momentos mais importantes da luta de classes, assumida aqui como choque entre hegemonias (burguesa x proletária). A semelhança entre as duas proposições é clara, mostrando um dos momentos em que Gramsci assume a influência soreliana na redação dos *Quaderni* .[4] Para Sorel, como já demonstrado acima, é a prática grevista por meio dos sindicatos que criará no operariado a nova consciência revolucionária. A "nova moral dos produtores" será forjada por meio da luta direta contra patrões e o Estado. Em Gramsci, porém, a questão se encontra problematizada de maneira mais complexa, incluindo a necessidade de um plano de

[3] Tal paralelo leva em consideração as reflexões de Gramsci tecidas nos *Quaderni*, mas deve-se notar que Sorel também está presente de maneira importante nos escritos pré-carcerários do marxista italiano (cf.,p. ex., GRAMSCI, 1978 a, p. 472; 1978 b, p. 31,148,180; 1978 c, p. 243; 1980, p. 600). Todavia, quando Gramsci cita Sorel nesses escritos (final da década de 1910, início da década de 1920), é possível perceber que são ainda referências apologéticas, num sentido diferente da assimilação crítica do pensamento soreliano que virá a ser demonstrada nos *Quaderni*.

[4] O conceito de "reforma intelectual e moral", segundo Gramsci, teria sido buscado por Sorel em Renan (historiador positivista francês do século XIX) (GRAMSCI, 2001, p. 1860).

reforma econômica como "o modo concreto através do qual se apresenta toda reforma intelectual e moral" (GRAMSCI, 2001, p. 1561).

De acordo com Sorel a violência proletária exerceria um papel central no processo de forjar a nova visão de mundo operária. O pensador francês concebe a violência como maneira de manter viva a cisão entre as classes, bem como meio de empreender constantemente a reforma moral do proletariado.

> "Tudo pode ser salvo se, pela violência, ele (o proletariado) conseguir consolidar de novo a divisão em classes e devolver à burguesia um pouco de sua energia. [...] A violência proletária, exercida como uma manifestação pura e simples do sentimento de luta de classes, aparece assim como algo belo e histórico" (SOREL, 1992, p. 110).

Nesse sentido aparece em Sorel a idéia de um estado permanente de guerra contra a classe burguesa: "Manter a idéia de guerra, hoje que tantos esforços se fazem para opor ao socialismo a paz social, parece mais necessário que nunca" (SOREL, 1978, p. 15). Contra os argumentos que advogariam a paz social e a conciliação entre as classes, afirma Sorel que haveria uma diferença nítida entre a guerra entre Estados e a guerra social. Na primeira, seria buscado o poder baseado num ideal de equilíbrio, e a paz poderia ser alcançada por meio de concessões mútuas. Já no caso da guerra social, o proletariado não procuraria concessões, mas a ruína completa de seus adversários (SOREL, 1978, p. 15). A luta de classes, para Sorel, seria o "aspecto ideológico de uma guerra social empreendida pelo proletariado contra todos os chefes de indústria [...]; o sindicato é o instrumento da guerra social" (SOREL, 1978, p. 18). A luta de classes assim definida seria, segundo o pensador francês, o que o marxismo possuiria de verdadeiro e superior a todas as fórmulas sociais (SOREL, 1978, p. 18). Da idéia da luta de classes quase como uma disposição de espírito do proletariado, o papel da violência como promotora da cisão social aparece como sustentador da noção da divisão dicotômica da sociedade nas mentes dos militantes. As greves e a propaganda do proletariado perseguiriam tal resultado (ROTH, 1980, p. 52).

A definição da luta de classes como "um aspecto ideológico" não aparece aqui por acaso. Sorel consideraria o conceito de classe não como um dado objetivo, passível de ser observado cientificamente, mas como uma gradual conquista da consciência de classe, conquista que surge aqui como um elemento humano e moral (SALVATECCI, 1980, p. 78). A luta de classes seria um fato real, mas só observável na manifestação de suas respectivas elites, isto é, suas minorias conscientes. A minoria consciente da burguesia reduziria as relações sociais aos aspectos econômicos. A minoria consciente proletária consideraria os valores humanos e morais daquelas relações. A história seria

movida, assim, pelo choque entre as elites proletárias e burguesas, e não pelo confronto dialético de forças que Sorel consideraria cegas e deterministas (SALVATECCI, 1980, p. 85). Para o filósofo francês, portanto, a perspectiva dialética continuaria sendo uma perspectiva determinista.

A CRÍTICA DE GRAMSCI A SOREL

Como já apontado brevemente acima, importantes categorias do instrumental teórico gramsciano são elaboradas contando com substancial aporte dos escritos de Georges Sorel. A respeito do conceito de "bloco histórico", observa Gramsci:

> "A afirmação das *Teses sobre Feuerbach,* de que o 'educador deve ser educado', não coloca uma relação necessária de reação ativa do homem sobre a estrutura, afirmando a unidade do processo do real? O conceito de 'bloco histórico', construído por Sorel, apreende plenamente esta unidade defendida pela filosofia da práxis" (GRAMSCI, 2001, p. 1300).

Importante observar aqui que, embora Gramsci se inspire no conceito de "bloco histórico" tal como formulado por Sorel, o mesmo conceito elaborado pelo marxista italiano possui uma natureza marcadamente distinta. No autor francês trata-se de um sistema de imagens a que é preciso tomar "em bloco como forças históricas" (SOREL, 1992, p. 41), o mito que manterá acesa a chama revolucionária enquanto nele forem depositadas as esperanças de realização da sociedade futura. Mas se tal sistema de imagens não é senão um mito, sua força revolucionária pode se esgotar no momento mesmo de seu desvendamento (MIGUEL, 1998). O "bloco histórico" de Gramsci, ao contrário, adquire vigorosa relação dialético-material com a realidade, assumindo-se como a unidade dialética entre forças produtivas, relações sociais de produção e superestrutura jurídico-política num dado momento histórico: "Conceito de 'bloco histórico', isto é, unidade entre a natureza e o espírito (estrutura e superestrutura), unidade dos contrários e dos distintos" (GRAMSCI, 2001, p. 1569).

Não se deve superestimar, naturalmente, o valor que Gramsci atribui ao mito soreliano como instrumento de ação política efetiva, como se verá mais adiante. Mas o reconhecimento, por parte do pensador italiano, de que o conceito de mito encontra respaldo específico numa determinada realidade sinaliza sua utilidade na elaboração de categorias mais complexas para a compreensão de tal realidade e ação sobre ela. De acordo com Badaloni, para Gramsci as previsões de mudança futura contidas no bloco de imagens formadoras do mito poderiam, inclusive, ser demonstradas em sua "necessi-

dade" se tal bloco se apresentasse pensado em termos políticos, antes que em termos sindicais (BADALONI, 1975, p. 150).

Como vimos até aqui, Gramsci trava importante diálogo com Sorel na concepção de suas próprias categorias e análises políticas, considerando mesmo o "Príncipe" de Maquiavel como "uma exemplificação histórica do 'mito' soreliano" (*Idem*). Mas é justamente com relação ao conceito de "mito" que Gramsci faz sua crítica mais importante ao pensador francês. Como já demonstramos acima, na opinião de Gramsci, a ação espontânea defendida pelo sindicato revolucionário, baseada no mito da greve geral, não seria capaz de sustentar a vontade coletiva necessária à mudança estrutural. Não seria capaz disso "um instrumento que deixa a vontade coletiva na fase primitiva e elementar de sua mera formação" (GRAMSCI, 2001, p.1557).Ou seja, sem uma ação planificada e uma direção definida, o espontaneísmo das massas extinguir-se-ia no momento seguinte ao de seu auge. Para que isso fosse evitado haveria a necessidade de incutir naquelas massas o desenvolvimento consistente de uma vontade coletiva, o que não estaria à altura do sindicato. Sorel, neste caso, dá por encerrada a teoria no ponto que para Gramsci seria apenas o começo de um processo revolucionário que exigiria disciplina e combatividade permanentes. Apenas a ação espontânea (que, em última análise, é uma não-ação, a greve) movida pela crença no mito da greve geral, não resultaria na formação de uma vontade coletiva permanente, e sobre isso Gramsci conclui com palavras incisivas:

> "Mas pode um mito ser 'não construtivo', pode-se imaginar [...] que seja produtor de realidades um instrumento que deixa a vontade coletiva na fase primitiva e elementar de sua mera formação, por distinção (por 'cisão'), ainda que com violência [...]? Mas esta vontade coletiva, assim formada de modo elementar, não deixará imediatamente de existir, pulverizando-se numa infinidade de vontades singulares, que na fase positiva seguem direções diversas e contrastantes? E isso para não falar que não pode existir destruição, negação, sem uma implícita construção, afirmação, e não em sentido 'metafísico', mas praticamente, isto é, politicamente, como programa de partido. Neste caso, pode-se ver que se supõe por trás da espontaneidade um puro mecanicismo, por trás da liberdade (arbítrio-impulso vital) um máximo de determinismo, por trás do idealismo um materialismo absoluto" (*Idem*).

Gramsci demonstra, assim, que queda sem efeito a pretensão de Sorel de se colocar em posição oposta ao marxismo mecanicista da Segunda Internacional. Levado às últimas conseqüências, como faz Gramsci, o pensamento de Sorel cai na mesma senda determinista que tanto condenara em teóricos como Kautsky, mas, ao contrário deste, o faz sem consciência disso.

Nota-se que Gramsci se utiliza do conceito de "cisão", também elaborado originalmente por Sorel, que por esta categoria pretendia representar uma radical separação

entre burguesia e proletariado e uma clara consciência desta separação nos integrantes de cada uma das partes. Para o filósofo francês, a força do mito da greve geral faria qualquer pequeno conflito aparecer ao proletariado com dimensões catastróficas, mantendo sempre dramaticamente marcada a delimitação entre os campos antagônicos (SOREL, 1992, p. 210).

O "espírito de cisão" é considerado por Gramsci o elemento que se pode contrapor, a partir do proletariado, "a este complexo formidável de trincheiras e fortificações da classe dominante" (GRAMSCI, 2001, p. 333). É o estado de consciência que permitiria à classe trabalhadora reconhecer sua condição material de classe revolucionária e empreender a luta pela conquista de sua hegemonia contra a hegemonia burguesa. Segundo Gramsci, o aprofundamento do espírito de cisão nos trabalhadores requereria um "complexo trabalho ideológico" de conquista progressiva dos espíritos (*Idem*). Gramsci reconhece, assim, a viabilidade de uma situação de "cisão", mas duvida que ela possa se manter apenas por meio do "espontaneísmo". De acordo com Badaloni (1975, p. 150), "o discurso de Gramsci é, portanto, aceitação da 'cisão' soreliana e ao mesmo tempo a demonstração da insuficiência dos instrumentos propostos pelo filósofo francês".

Lembremos aqui que, conforme exposto anteriormente, Sorel atribui o protagonismo da luta de classes às respectivas e opostas elites conscientes de seu papel histórico, e o choque de classes seria, na verdade, um choque entre as elites conscientes de ambos os lados. A esse respeito é importante notar que Gramsci, apesar de obviamente não encerrar a luta de classes apenas no âmbito das elites proletárias e burguesas, assume a necessidade do intermédio de uma elite proletária no processo da luta de hegemonias:

> "[...]se se trata de dirigir organicamente 'toda a massa economicamente ativa' - deve-se dirigi-la não segundo velhos esquemas, mas inovando; e esta inovação só pode tornar-se de massa, em seus primeiros estágios, por intermédio de uma elite na qual a concepção implícita na atividade humana já se tenha tornado, em certa medida, consciência atual coerente e sistemática e vontade precisa e decidida" (GRAMSCI, 2001, p. 1387).

De acordo com Gramsci, o sentimento de cisão estaria na origem da consciência de se fazer parte de uma determinada força hegemônica. Classifica tal sentimento, e aqui de forma muito próxima a Sorel, como um sentimento de "distinção", de "separação", de "independência quase instintiva", que progrediria até o alcance de uma "concepção do mundo coerente e unitária" ((GRAMSCI, 2001, p. 1385). Sustentará ainda o marxista italiano a importância da luta teórica na medida em que ela possa "reforçar no

próprio campo o espírito de diferenciação e de cisão" (GRAMSCI, 2001, p. 1406). A luta teórica destinada a tal fim deve ser provisoriamente, ou "em seus primeiros estágios", como reproduzido acima, levada a efeito por uma elite, não uma elite destacada da massa dos trabalhadores, mas uma elite orgânica a essa mesma massa, e por isso mesmo transitória na condição de elite, já que visa a elevar filosoficamente, conferindo coerência e unidade entre ação e concepção de mundo, uma proporção cada vez maior do proletariado.

CONCLUSÃO

Procuramos, ao longo deste artigo, salientar as diferenças e aproximações nas concepções de reforma intelectual e moral entre Georges Sorel e Antonio Gramsci, sugerindo ao mesmo tempo a importância da obra do filósofo francês na constituição do pensamento do marxista italiano presente nos *Quaderni del carcere*. Tentamos destacar a importância dos conceitos de "cisão" e "bloco histórico" em sua articulação com a idéia de reforma intelectual e moral, já que ambos aqueles pressupõem ou se desenrolam na prática política de forma indissociável à última. Apresentamos, primeiramente, as idéias centrais de Sorel, seguidas da crítica de Gramsci, no sentido inclusive de reelaboração e assimilação crítica daqueles conceitos considerados pelo marxista italiano como de importância central na obra do filósofo francês. Não pensamos, naturalmente, ter confrontado todos os aspectos necessários para uma abordagem definitiva sobre as diversas possíveis relações entre os desenvolvimentos do conceito de reforma intelectual e moral em Gramsci e em Sorel. Porém, nos limites permitidos pelo escopo deste trabalho, acreditamos ter abordado vários aspectos essenciais da questão proposta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADALONI, Nicola. *Il marxismo di Gramsci: dal mito alla ricomposizione politica.* Torino: Giulio Einaudi editore, 1975.

CROCE, Benedetto. *Materialismo histórico e economia marxista***.** São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.

DE PAOLA, Gregorio. "Georges Sorel, da metafísica ao mito". In: HOBSBAWM, Eric J. (Org.). *História do marxismo*: o marxismo na época da Segunda Internacional (terceira parte). São Paulo: Paz e Terra, 1986. v. 4, p. 51-83.

FURIOZZI, Gian Biagio. *Sorel e l'Italia.* Messina: G. D'Anna, 1975.

GRAMSCI, A. *L'Ordine nuovo 1921-1922*: socialismo e fascismo. Torino: Giulio Einaudi, 1978 a.

GRAMSCI, A. *Scritti politici.* Roma: Editori Riuniti, 1978b, v.2.

GRAMSCI, A. *Scritti politici.* Roma: Editori Riuniti, 1978c, v.3..

GRAMSCI, A. *Cronache Torinesi***.** Torino: Giulio Einaudi, 1980.

GRAMSCI, A. *Quaderni del carcere:* edizione critica dell'Istituto Gramsci. A cura di Valentino Gerratana. Turim: Giulio Einaudi, 2001.

MIGUEL, Luis F. "Em torno do conceito de mito político". *Dados***,** 1998, v.41, n.3.

ROTH, Jack J. *The cult of violence: Sorel and the sorelians***.** Berkeley: Un. of California, 1980.

SALVATECCI, Hugo G. *Sorel y Mariategui***.** Lima: Delgado Valenzuela editora, 1980.

SOREL, Georges. *Democrazia e rivoluzione***.** Roma: Editori Riuniti, 1975.

SOREL, Georges et al. *Sindicalismo revolucionário.* Madrid: Júcar, 1978.

SOREL, Georges. *Reflexões sobre a violência.* São Paulo: Martins Fontes, 1992.

WALDENBERG, Marek. "A estratégia política da social-democracia alemã". In: HOBSBAWM, Eric J. (Org.). *História do marxismo:* o marxismo na época da Segunda Internacional (primeira parte). São Paulo: Paz e Terra, 1982. v.2, p. 223-255.